

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS (CCJE)
FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO E CIÊNCIAS CONTÁBEIS (FACC)
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA E GESTÃO DE UNIDADE DE INFORMAÇÃO (CBG)

MONARA DE ALMEIDA BARRETO

INDEXAÇÃO DE IMAGENS: UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO E
PRESERVAÇÃO DOS ACERVOS DAS AGÊNCIAS DE FOTOGRAFIA

Rio de Janeiro

2016

MONARA DE ALMEIDA BARRETO

**INDEXAÇÃO DE IMAGENS: UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO E
PRESERVAÇÃO DOS ACERVOS DAS AGÊNCIAS DE FOTOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Juliana Horta de Assis Pinto

Rio de Janeiro

2016

B273i

Barreto, Monara de Almeida.

Indexação de imagens: um olhar sobre a organização e preservação dos acervos das agências de fotografia / Monara de Almeida Barreto - 2016.

53 f. : il. 30 cm.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Juliana Horta de Assis Pinto.

1. Indexação de imagens. 2. Fotografia. 3. Imagens do povo. 4. Banco de imagens. 5. Análise da imagem. 6. Representação da imagem. I. Assis, Juliana. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Curso de Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. III. Título.

CDU: 025.347

MONARA DE ALMEIDA BARRETO

**INDEXAÇÃO DE IMAGENS: UM OLHAR SOBRE A ORGANIZAÇÃO E
PRESERVAÇÃO DOS ACERVOS DAS AGÊNCIAS DE FOTOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Biblioteconomia e Gestão de
Unidades de Informação da Universidade
Federal do Rio de Janeiro, como requisito
parcial à obtenção do título de bacharel em
Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, 02 de março de 2016.

Prof^a. Dr^a. Juliana Horta de Assis Pinto - UFRJ
Orientadora

Prof. Me. Robson Santos Costa - UFRJ
Membro interno

Prof. Me. Antonio Victor Rodrigues Botão - UFRJ
Membro interno

Dedico esse trabalho aos meus guerreiros pais Salvador e Elenildes, que foram meus exemplos de vida, me ensinaram valores e me fizeram acreditar no meu potencial.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por iluminar meus pensamentos nos momentos de escrita desse trabalho. Ao meu pai que tenho certeza que esteve ao meu lado desde sua partida trazendo sempre energias positivas, a minha mãe que com suas orações e sabias palavras transmitiu forças para continuar nessa caminhada diária durante esses 4 anos de graduação e final de período, só nós sabemos o quanto é inexplicável esse momento tão esperado. Ao meu amado companheiro Bruno, pela parceria diária desde as tensões, noites mal dormidas, reclamações de desespero, até os momentos de compartilhamento das conquistas, entrevistas e descobertas que foram realizadas nesse trabalho foi ele que nos dias mais difíceis me deu todo apoio.

À minha amiga Mariana Fernandes, agora mais que amiga tornou-se companheira de profissão, sou grata eternamente pelo presente de dia do amigo de 2010, sem o seu incentivo eu jamais chegaria até aqui.

Ao “Imagens do Povo” que foi o grande motivador para o desenvolvimento deste trabalho, fazendo eu descobrir novas formas de pensamento e olhar sobre diversas óticas.

À comunidade de fotógrafos que estão sempre me apoiando: Léo Lima, Paulo Barros, Elisângela Leite, Rosilene Miliotti, Alê Corrêa, Luiz Baltar, Rovená Rosa, Bruno Moraes, Jaqueline Moraes, Thaís Lamas, Clarissa Pivetta, Daniel Marengo, Fábio Caffé. Aos mestres João Roberto Ripper, Dante Gastaldoni, Ricardo Funari e Marcos Issa, que foi atencioso e paciente com minhas dúvidas no telefone. Vocês foram à inspiração do meu trabalho.

À minha turma do coração 2011.2, que permaneceu até o final mesmo com as diferenças e grupos conseguimos sobreviver às barreiras da Universidade. Agradeço em especial aos meus amigos que levei pra vida, Jéssica Fernanda, Bruna Brasil, Anna Carolina. Agradeço ao grupo “hola! qué tal”, Rafael Simplício (o amigo de todas as horas), Clarissa Martino, Tayana Cezar (pelas dicas e conversas no metrô), Ju Machado, Rubia Luiza (pelos áudios na madrugada). Mariana Moysés que deu todo o suporte com o faíscapreta, obrigada pelo empréstimo sem ele não conseguiria concluir o restante de páginas. E todos os meus amigos que de certa forma compreenderam a minha ausência nas festas e encontros que muitas vezes abri mão para fazer tarefas da graduação.

Agradeço, sobretudo, à minha orientadora Juliana Assis, que não me deixou desanimar nas etapas que pareciam ser impossíveis de se concluir, pelos puxões de orelha, ao incentivo e orientação. Nossos gostos se uniram nesse trabalho de conclusão. Obrigada por me direcionar e transmitir seus conhecimentos para a realização de mais uma etapa grandiosa.

Aos professores Antonio Botão (por contribuir com dicas e algumas referências) e Robson pela disponibilidade em contribuir, ler e avaliar o presente trabalho.

“Para se querer bem é importante que se veja o que as pessoas fazem de bom. Para se querer belo é importante que se permita mostrar a beleza em todos os seus aspectos” (João Roberto Ripper)¹.

¹ Citação proferida por João Roberto Ripper, na “Escola de Fotógrafos Populares” na favela da Maré, Rio de Janeiro, 2013.

RESUMO

Este trabalho aborda a indexação de imagens fotográficas a partir de acervos de fotografias em bancos de imagens e de seus próprios produtores. O recorte empírico foi definido com base no universo dos fotógrafos das agências de imagem e na seleção e análise de imagens e suas descrições. Investiga os elementos mais importantes no processo da indexação e analisa as descrições realizadas pelos fotógrafos com o propósito de compreender como esses fatores podem influenciar futuras pesquisas e a manutenção da memória subsequente. A metodologia utilizada fundamenta-se nos estudos sobre análise da imagem. As entrevistas foram empregadas como principal técnica de coleta de dados. Define-se o conceito de fotografia e a importância da indexação para manter a organicidade do acervo. Foram estudadas possibilidades de organização do acervo a partir dos trabalhos de Milton Guran, Erwin Panofsky, Lancaster, e Sara Shatford. A organização do acervo propicia o desencadeamento de lembranças e a manutenção da memória de pessoas, sociedades e instituições. Concluiu-se que a prática de indexação de imagens está intrinsecamente conectada a organização e preservação dos acervos de fotografia.

Palavras-chave: Indexação de imagens. Fotografia. Banco de imagens. Análise da imagem. Representação da imagem.

ABSTRACT

This work approaches the practice of indexing photographic images from photo collections in image banks and their own producers. The empirical delimitation was defined based on the universe of photographers of image agencies and their descriptions. It investigates the most important elements in the process of indexing and analyses the descriptions made by photographers with the purpose of understanding how these factors can influence future research and the subsequent memory maintenance. The methodology used was based on studies about image analysis and on interviews as the primary data collection technique. It defines the concept of photography and the importance of indexing to keep the collection's organicity. It clarifies the possibilities of organization of collections from the reflections of Milton Guran, Erwin Panofsky, Lancaster e Sara Shatford. The organization of collections can provide memories and the maintenance of memory in people, societies and institutions. It was concluded that the practice of indexing images is intrinsically connected to the organization and preservation of photo collections.

Keywords: Image indexing. Image analysis. Photography. Image banks. Image representation.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	DESCRIÇÃO FEITA POR FOTOGRAFOS DA AGÊNCIA IMAGENS DO POVO.....	30
FIGURA 2	DESCRIÇÃO FEITA POR FOTOGRAFOS DA AGÊNCIA IMAGENS DO POVO.....	31
FIGURA 3	IMAGEM COMPARATIVA AOS NÍVEIS DE PANOFISKY.....	32
FIGURA 4	IMAGEM COMPARATIVA AOS NÍVEIS DE PANOFISKY.....	32
FIGURA 5	IMAGEM COMPARATIVA AOS NÍVEIS DE PANOFISKY.....	33
FIGURA 6	CATEGORIAS DE SHATFORD APLICADAS NAS FOTOGRAFIAS.....	41
FIGURA 7	CATEGORIAS DE SHATFORD APLICADAS NAS FOTOGRAFIAS.....	42
FIGURA 8	CATEGORIAS DE SHATFORD APLICADAS NAS FOTOGRAFIAS.....	43
FIGURA 9	CATEGORIAS DE SHATFORD APLICADAS NAS FOTOGRAFIAS.....	44
FIGURA 10	CATEGORIAS DE SHATFORD APLICADAS NAS FOTOGRAFIAS.....	45

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	PERFIS DE FOTÓGRAFOS.....	38
-----------	---------------------------	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	CARACTERIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE SHATFORD.....	28
QUADRO 2	QUADRO COMPARATIVO DAS CATEGORIAS DE SHATFORD E PANOFISKY.....	28
QUADRO 3	UNIVERSO DE PESQUISA DOS FOTÓGRAFOS DAS AGÊNCIAS.....	35
QUADRO 4	DADOS CATEGORIZADOS NA PESQUISA.....	37
QUADRO 5	CATEGORIA DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	37
QUADRO 6	CATEGORIAS DE SHATFORD APROPRIADAS PARA A DESCRIÇÃO DE FOTOGRAFIAS.....	39
QUADRO 7	FOTÓGRAFOS E AGÊNCIAS.....	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	JUSTIFICATIVA.....	17
3	OBJETIVOS.....	18
3.1	OBJETIVO GERAL.....	18
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
4	FOTOGRAFIA: UM BREVE HISTÓRICO.....	19
4.1	O ATO DE FOTOGRAFAR.....	20
4.2	A IMAGEM.....	22
4.3	FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTO.....	23
4.4	BANCO DE IMAGENS.....	25
4.5	INDEXAÇÃO DE IMAGENS.....	25
5	METODOLOGIA.....	34
6	ANÁLISE DE DADOS.....	37
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	51
	APÊNDICE.....	53

1 INTRODUÇÃO

A indexação de imagens consiste na utilização de regras e conceitos que auxiliam na representação do conteúdo informacional, é um processo que integra atividades específicas e métodos que visam recuperar a informação. Indexar imagens fotográficas é um procedimento minucioso, visto que para alguns fotógrafos envolve uma dificuldade de extrair as informações da imagem. A fotografia precisa ser analisada de acordo com seus aspectos físicos e temáticos, por profissionais que entendam sobre o conteúdo, para então organizá-las. É uma ação na qual o fotógrafo também precisa estar inteirado, pois na maioria dos bancos de imagem o indexador não recebe as informações pertinentes à fotografia, esse ruído atrapalha no processamento da indexação. A partir de um acervo de imagens organizado podemos construir e preservar a memória, podendo ser transformada em conhecimento.

Os acervos fotográficos reúnem uma sucessão de histórias que são representadas a partir de imagens. São eternizados momentos de cada indivíduo e suas manifestações sociais, cotidianas. As fotografias são produzidas e pensadas por seus produtores sempre com um propósito, desde a escolha do tema, passando pelo uso da objetiva mais adequada para o momento do registro até o momento de descrevê-la.

Na fotografia podemos ter o contato com variadas formas de conhecimento, considerando-a como uma fonte rica em informações valiosas. É nesse contexto que devem ser averiguados os diversos modelos existentes para se organizar os acervos fotográficos a partir das agências e de seus próprios autores.

Representar uma imagem fotográfica a partir do seu conteúdo é retirar informações importantes daquela fotografia. No meio fotográfico nos deparamos com uma grande quantidade de fotógrafos que não possui uma rotina de organização para seu próprio acervo.

Geralmente o que ocorre é que o autor efetua os procedimentos da descrição da imagem apenas com a finalidade de entrega para o banco de imagens ou sua agência. O fotógrafo visualiza esse processo apenas como um encargo e não consegue mensurar a importância de ter o seu arquivo indexado, desconhece os resultados que pode ter um acervo bem organizado para que futuramente o acesso e a recuperação das suas próprias fotografias sejam produtivas.

O trabalho se propõe a analisar a organização e a indexação das agências de fotografia, com foco nos bancos de imagens e a relação dos fotógrafos com esse

processo. E como esse procedimento de organização e inserção de informações na fotografia está posteriormente relacionado à preservação das mesmas.

Cada agência de fotografia possui um padrão de organização das imagens, algumas priorizando preenchimento de determinados campos de descrição da informação não visual (fotógrafo, autor, título), conteúdo informacional (o que está representado na imagem), ou utilizam dos dois modelos, que variam de acordo com os objetivos e linguagens de cada agência.

O programa “Imagens do Povo” é um espaço destinado à documentação, pesquisa, formação e inserção de fotógrafos populares no mercado de trabalho. Criado pelo fotógrafo João Roberto Ripper, no ano de 2004, o “Imagens do Povo” faz parte do programa sócio pedagógico do “Observatório de Favelas”, que disponibiliza o espaço para apresentação, diálogos e troca de informações sobre fotografia documental e contemporânea. O programa “Imagens do Povo” tem como foco a linguagem fotográfica aliada à técnica e questões sociais, com ênfase em espaços populares.

O programa é composto por mais de 35 integrantes, formados pela “Escola de Fotógrafos Populares”, uma das vertentes do programa “Imagens do Povo”. A agência tem como principais projetos: a “Agência Escola”, a “Escola de Fotógrafos Populares”, o “Curso de Formação em Educadores da Fotografia”, as “Oficinas de Fotografia Artesanal” (pinhole), “Galeria 535” e o “Banco de Imagens”.

O corpo de fotógrafos da “Agência Escola” é constituído por ex-alunos da “Escola de Fotógrafos Populares”, que produzem pautas variadas, encomendadas pela agência. Além disso, os fotógrafos disponibilizam o próprio material fotográfico para o banco de imagens do programa.

O programa “Imagens do Povo” tem a missão de formar fotógrafos que produzam imagens voltadas para o cotidiano das favelas, a partir de um olhar crítico, que considere o respeito aos direitos humanos e a cultura desses espaços. O banco de imagens do programa “Imagens do Povo” é caracterizado por reunir diferentes imagens do território brasileiro (costumes, cultura, manifestações populares, etc). O acervo se diferencia por possuir uma cobertura de temas sociais e do cotidiano em regiões de periferia, favelas e espaços populares em geral. Os principais clientes são editoras, instituições sem fins lucrativos e agências de comunicação social.

A inserção de imagens no banco acontece em duas etapas: edição e indexação. Na primeira etapa, as imagens são recebidas pelo coordenador do banco, este recebe as imagens do fotógrafo e faz a edição de acordo com os critérios de linguagem do banco

de imagem. Feita esta seleção, as fotos são compartilhadas no sistema interligado ao computador do indexador.

As fotografias recebidas no banco de imagem em sua maioria não possuem os metadados, contêm apenas informações técnicas e a experiência do autor, isso interfere no processo de indexação e futuramente nas buscas que serão realizadas pelos usuários. O processo de indexação é realizado no *Lightroom*, *software* específico para fotógrafos, que tem a função de importar, organizar, classificar, editar e dar a saída das fotografias.

A descrição é feita considerando o conteúdo único representado na imagem. A elaboração de representações verbais para o conteúdo imagético é baseada nas categorias de Shatford (1986): QUEM, ONDE, QUANDO, COMO e O QUE.

Na etapa de organização, após a legenda pronta, é feita a inserção de palavra-chave na imagem. Feito todo o processo de indexação, ocorre a exportação das imagens para o banco de dados *off-line*, que é o acervo armazenado no “Portfólio”, *software* responsável pela organização de imagens.

A última tarefa é fazer o *upload* de imagens para o banco *on-line*, as imagens são inseridas no *Photshelter*, uma plataforma popular para a criação de portfólios *on-line*, que permite a integração com *sites web* já existentes. Por fim, é realizada a verificação item por item na plataforma, após a análise os itens poderão ser disponibilizados e visualizados pelos usuários, ao executarem pesquisas no banco de imagens.

Considera-se que os fotógrafos são produtores das suas próprias imagens, e usam suas experiências e vivências para descrever a cena registrada. Muitos deles têm dificuldade de estabelecer a relação entre a imagem e a descrição real do fato ocorrido. Não conseguem distinguir uma cena específica dos demais registros desenvolvidos no mesmo dia, em um determinado evento. Esse fator causa efeitos no processo de indexação, resultando uma descrição incorreta e sem nenhuma relação com a imagem. Os fotógrafos desconhecem as possíveis técnicas de indexação e ainda não existe uma preocupação por parte deles em reconhecer a importância desse método para organizar suas imagens. Como adequar a representação da imagem, que é feita pelos seus próprios produtores a uma indexação efetiva voltada para a recuperação e a preservação da informação imagética?

2 JUSTIFICATIVA

Um dos grandes problemas encontrados no processo de organização de fotografias nos bancos de imagem ocorre no momento da indexação no qual são identificados conteúdos irrelevantes descritos nos registros fotográficos. Isso reflete em diversos fatores como o atraso do processo de indexação, a quantidade excessiva de fotografias com palavras-chave incorretas tornando a pesquisa bastante exaustiva para o usuário e o mais frequente é a ocorrência de descrição que não está associada à imagem.

A partir do uso da fotografia digital a produção constante de imagens tornou-se intensiva, esse fato contribui com o crescimento de publicações na internet e de constante alimentação nos bancos de imagens das agências de fotografia. Ocorre uma produção massiva de imagens, e por falta de tempo dos fotógrafos, as imagens são encaminhadas muitas vezes sem os descritores essenciais que devem conter na imagem.

Quando enviadas para o banco de imagens, o indexador terá que extrair as informações significativas da legenda do fotógrafo, para então iniciar o processo de indexação. Nesse contexto verifica-se a importância de métodos que busquem orientar seus próprios produtores a organizar e armazenar seu material de modo que o fotógrafo considere a indexação como um processo indispensável para dar início à organização dos acervos.

Se as fotografias forem descritas de maneira apropriada poderão servir tanto para seu armazenamento pessoal quanto para o banco de imagem. Esse fator contribuirá para a indexação e facilitará futuramente a recuperação de materiais.

Saber quais são as dificuldades encontradas no processo de organização e indexação do acervo de cada fotógrafo e examinar a maneira que cada um lida constantemente com a indexação facilitará o entendimento para o indexador bibliotecário, uma vez que ele identificará onde está o problema, avaliando qual o melhor procedimento de indexação de imagem para propor aos fotógrafos.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Examinar quais são as contribuições dos fotógrafos à indexação de imagens com o objetivo de integrar as perspectivas de autores (fotógrafos) e indexadores (bibliotecários).

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar os modelos existentes sobre a indexação de imagens;
- Identificar qual é a visão dos fotógrafos sobre a representação da imagem;
- Definir elementos fundamentais a indexação da fotografia visando sua recuperação e preservação.

4 FOTOGRAFIA: UM BREVE HISTÓRICO

Desde o seu surgimento, a imagem sempre foi um elemento que contribuiu para a comunicação entre os indivíduos e ao longo dos anos ganhou evidência devido ao surgimento das tecnologias de informação. Analisando o contexto histórico, em cada período, a imagem tem sua representatividade e importância, desde o seu uso pelos povos antigos, passando pelo século XIX com a expansão do surgimento da imprensa até o desenvolvimento das novas tecnologias.

A fotografia surgiu de dois princípios elementares, variadas descobertas ao longo do tempo foram agregadas para que fosse possível desenvolver a fotografia como é conhecida hoje. Químicos e físicos contribuíram para a origem dessa arte: a câmara escura e a existência de materiais fotossensíveis.

Ao longo dos anos apareceram diversos estudiosos que contribuíram para o aperfeiçoamento e evolução da fotografia. A primeira fotografia reconhecida foi feita em 1826, pelo francês Joseph Nicéphore Niépce que usou de muitas tentativas para reproduzir uma imagem, desde melhorias nos processos de litografia até chapas metálicas emulsionadas com betume (uma espécie de verniz utilizado na técnica de água forte, que possui a propriedade de secar rapidamente quando exposto à luz) para imprimir imagens. Niépce nomeou essa técnica de 'Heliografia', ou 'escrita do sol'.

Em seguida inspirado nas divulgações de Niépce, o icônico Louis Jacques Mandé Daguerre aliou a técnica de Niépce para evoluir e chegar ao resultado final, o daguerreótipo, que somente foi apresentado publicamente em 1839.

Durante o século XX a fotografia já tinha todos os quesitos essenciais para o registro de imagens com alta qualidade para ser reproduzido, a tecnologia evoluiu com o surgimento das películas que permitiam ser mais adaptáveis.

Em 1888, o norte-americano, George Eastman, inventou uma câmera fotográfica chamada Kodak, uma câmera compacta, que permitiu a popularização da máquina fotográfica, que vinha acompanhada de um slogan onde dizia: “Você aperta o botão e nós fazemos o resto”.

O uso intensivo das imagens deu-se após a invenção da fotografia, no período da revolução industrial, no primeiro momento de um modo mais individual, a produção fotográfica ganhou destaque permitindo ser vista em diversos meios de comunicação.

A fotografia é uma ferramenta de captura, que permite eternizar qualquer cena a partir de um mecanismo, transformando a imagem em um documento importante para

assegurar a existência de momentos que ocorreram num determinado período. A fotografia, como qualquer outra atividade criadora, tem que responder a duas questões básicas que definem o conteúdo e a forma de sua produção: o que fazer e como fazer (GURAN, 2002).

No fotojornalismo a imagem é entendida quanto a sua forma e a maneira que o fotógrafo irá fazer o registro, resultando em maior eficiência na transmissão da informação. Na utilização da fotografia, o que importa é a eficiência da foto em transmitir com clareza uma determinada informação. Embora a fotografia seja um processo racional, podemos considerá-la como uma linguagem sensorial e sensitiva, pois pode atrair ao receptor as informações que vão além de uma visualização imagética simples.

O trabalho do fotógrafo começa pela definição da pauta, que ele irá registrar, e encerra na edição da foto, a escolha da imagem que será publicada, e a postagem da fotografia e a sua relação com escolha da legenda ou texto da matéria.

A fotografia nada mais é do que o aumento da nossa capacidade de olhar o mundo sobre diversas óticas, constituindo se em uma técnica de representação da realidade. Para Rouillé (2009, p. 36) “a fotografia é máquina para, em vez de representar captar. Captar forças, movimentos, intensidades, densidades, visíveis ou não; e não para representar o real, porém para produzir e reproduzir o que é passível de ser visível (não o passível)”.

4.1 O ATO DE FOTOGRAFAR

Segundo Sontag (2004b), a fotografia possibilita ao observador ter um domínio maior diante da interpretação das imagens, visto que a experiência de cada um influencia na percepção podendo sofrer mudanças. Caso o observador não possua conhecimento para capturar a mensagem, a imagem não terá significado para o espectador.

A forma de representação da realidade por meio da fotografia é feita de um modo peculiar, pois permite uma interpretação mais rica, e quanto maior a capacidade de leitura do observador, mas ele poderá extrair informações relevantes da imagem.

Nem tudo o que vemos na imagem pode ser interessante, ou verdadeiramente o fato ocorrido. No ato de fotografar, o fotógrafo traduz para uma linguagem que permite fazer escolhas do que ele quer destacar, no momento do enquadramento.

Podemos considerar uma variedade de elementos a serem priorizados no momento da composição de uma foto, não necessariamente precisa seguir uma ordem ou uma regra, a luz, a cena, ajustes focais, as objetivas entre outros elementos da linguagem fotográfica, tudo isso contribui para que a mensagem fotográfica seja transmitida de forma efetiva.

O ato de fotografar acontece em uma fração de segundos, é a única técnica que permite representar uma realidade, antes mesmo da cena que irá acontecer. Hovart (1990, p. 37, apud WOELFEL, 2013) “a fotografia é a escolha de um enquadramento no espaço e de um instante no tempo”, o que a coloca como a única técnica de representação da realidade que, utilizando a luz, trabalha com um momento isolado. Portanto, fotografar é efetivar um reconhecimento antecipado: aquilo que é visto não pode mais ser fotografado, porque já passou.

Reconhecer o conteúdo de alguma situação a partir dos requisitos técnicos é um elemento fundamental para obter o resultado, pois no fazer fotográfico existe uma relação íntima entre o fotógrafo e o objeto fotografado. Esse envolvimento depende da proposta de cada um. O enquadramento influencia também no resultado do registro fotográfico, possuem uma relação mútua. Enquadrar uma cena através de sua câmera consiste em organizar e pensar suas ideias antes mesmo de fazer a fotografia desejada. Traz resultados positivos diante da capacidade que o fotógrafo tem de enxergar a realidade, pode ser compreendida como um ato que conecta o autor (fotógrafo) com a realidade.

Hine (1978, p.121 apud RUEDA, 2008) deixa isso explícito quando diz “mergulhe no objeto fotografado (conteúdo) com entusiasmo e simpatia, uma vez que a fotografia sem entusiasmo é como um piquenique debaixo de chuva. Mais vale pouca técnica e muito coração do que o inverso”. O fotógrafo deve ter um cuidado com a forma que irá representar sua cena ou personagem escolhido, é a partir desse contato que irá possibilitar o resultado de uma imagem e sua interação com o objeto representado. Para Cartier-Bresson (1976, p.78)

Para expressarmos o mundo temos de nos sentir envolvidos com aquilo que descobrimos no visor. Esta atitude exige concentração, disciplina mental, sensibilidade e senso de equilíbrio geométrico. É pela grande economia de meios que se chega à simplicidade de expressão. O fotógrafo tem sempre de buscar suas fotos com grande respeito pelo objeto fotografado e por si próprio. Tirar fotos é prender a respiração quando todas as faculdades convergem para a realidade fugaz. É neste instante que apoderar-se de uma imagem torna-se um prazer físico e intelectual. Fotografar é - simultaneamente e numa mesma

fração de segundo – reconhecer o fato em si e organizar rigorosamente as formas visuais percebidas para expressar seu significado. E por numa mesma linha cabeça, olho e coração.

A escolha do momento do registro é a parte em que o fotógrafo tem a plena liberdade de realizar a imagem que deseja, a decisão é somente do autor. Vários momentos podem ser escolhidos gradualmente, pois o fato ocorrido não pode mais acontecer da mesma maneira.

O autor da imagem tem o domínio sobre o rumo que a própria fotografia irá tomar quanto sua forma de ser interpretada, a foto deve ser a síntese do real, e sua leitura e interpretação deve propor reflexões, despertar emoções e servir de objeto para mudanças. Essa postura é bem definida por Martins (1990, p.4 apud GURAN, 2002, p. 46), como:

[...] as boas fotos são aquelas que se impõem por elas mesmas, levantam questões, propõe reflexões, despertam emoções e servem de instrumento de pesquisa. Operar este ofício me fez descobrir que a vida é o que fazemos dela. As viagens são os viajantes. O que vemos não é o que vemos, é apenas o que somos.

Nas agências que trabalham com imagens, o conteúdo fotográfico do autor deve ser fidedigno, tratado com valor, respeitando a imagem. A fotografia pode representar a realidade de uma maneira peculiar, pois permite uma leitura mais abrangente à uma imagem, vai além do que é visto, a imagem ultrapassa histórias vividas, sentimentos e compreensão de um fato.

4.2 A IMAGEM

O conceito de imagem possui um vasto campo de inúmeras definições, visto que para alguns a imagem é a representação de algo ou uma cena. Segundo Smit (1996, p.29) “o termo imagem abrange um vasto leque de documentos iconográficos ou de ilustrações, incluindo pinturas, gravuras, pôsteres, cartões postais, fotografias, etc”. Dubois (2004, p. 154) conceitua três tipos de tratamento a imagem: histórica, estruturalista e fenomenológica, sendo

a abordagem que emerge do histórico é a que recorre ao conhecimento sobre a imagem; a abordagem estruturalista é a que torna a imagem em si mesma, mas do ponto de vista de sua construção interna; e o ponto de vista fenomenológico é aquele que toma como ponto de partida o fato de que a imagem, à parte a construção interna que a caracteriza, produz alguma coisa a

seu próprio respeito e, portanto, eu não posso saber. Uma imagem pode registrar alguma coisa que mesmo um especialista pode não ver.

Para Sontag (2004a, p. 170), ao fazer o registro de uma cena com a câmera fotográfica, o fotógrafo esta automaticamente transformando aquela realidade, aquele olhar em prova da realidade.

Barthes (1972, p.12) afirma que “objetos, imagens, comportamentos podem significar [...] e o fazem abundantemente, mas nunca de maneira autônoma; qualquer sistema semiológico repassa-se de linguagem”. É necessário traduzir o conteúdo visual da imagem para a linguagem verbal, a partir de uma legenda, ou textos explicativos que façam referência a imagem.

Imagem vem (do latim: *imago*) significa a representação visual de imagens. A imagem pode ser considerada como um processo de interpretação e reprodução de coisas reais, que envolve atividades de descrição e representação. As informações contidas nas imagens apresentam conteúdos relevantes para obtenção de conhecimentos, pois permite a interpretação e mensagens transmitidas na imagem.

4.3 FOTOGRAFIA COMO FONTE DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTO

Rouillé (2009) evidencia na fotografia-documento, que a função de informar se tornou sem dúvida a mais importante entre os anos de 1920 e a Guerra do Vietnã: período em que a fotografia criou um forte vínculo com a fotografia impressa, período dominado pela figura do fotorrepórter.

A imagem já foi utilizada em diversos suportes como: “madeira, pedras, argila, osso, couro, materiais orgânicos em geral, metais, papéis, acetatos, suportes digitais, [...] desenho, pintura, escultura, fotografia, cinema, televisão, *web* [...]” (RODRIGUES, 2007, p.68 apud RAMOS, 2007, p. 1). Mesmo com todas as mudanças, com o passar dos anos, toda essa revolução tecnológica os suportes informacionais foram substituídos e modificados, no entanto a imagem nunca deixou de cumprir o papel de informar a partir do conteúdo visual. As fotografias passaram a auxiliar nas tarefas de pesquisa e ensino. A fotografia deixou de ser compreendida apenas como arte e transformou-se em informação e conhecimento.

Sontag (2004b, p. 172) afirma que “quando algo é fotografado, torna-se parte de um sistema de informação, adapta-se a esquemas de classificação e de armazenagem [...]”. A partir do momento que o fotógrafo registra uma cena e efetua os procedimentos de

edição, descrição, armazenagem em algum suporte, ou banco de imagens ele passa a ser integrado ao um sistema de informação.

Como aponta Santaella (2003, p.11 apud SOUZA, 2013, p.77) “[...] as transformações que a produção digital vem introduzindo não tocam apenas a superfície e aparência das imagens. Elas também trazem consequências epistemológicas, pois muda com elas o modo de representação das coisas”. Isso pode ser analisado, com o advento da fotografia digital, que permitiu aos fotógrafos fazerem registros sem notar tanto a história, pois a todo instante se confere a imagem produzida, isso aumenta o numero de arquivos e ao mesmo tempo é perdida a observação dos fatos. Isso reflete no acumulo gradativo de imagens, dificultando a edição, diferente do analógico, por exemplo, os registros eram meramente calculados. Por possuir uma quantidade limitada de fotografias a serem retiradas, os fotógrafos pensavam mais antes de fazer seus registros.

A fotografia possui uma relação com o texto quando vem acompanhada de uma legenda ela cumpre diversas funções, dentre elas a recuperação de outras informações. Podemos identificar três situações em que a fotografia está presente: na ilustração, como informação, ou como texto acompanhado da imagem.

Um fato pode ter vários significados, para se transmitir uma informação contida na imagem de maneira eficiente, é preciso que a legenda acompanhada na imagem esteja de acordo com as informações visíveis na fotografia. Uma legenda completa é essencial para que o leitor tenha o entendimento da cena mostrada, é a porta de entrada para o leitor mergulhar nas informações que muitas vezes não estão evidentes na foto.

Os acervos fotográficos refletem a vida e seus diversos aspectos, uma imagem possui uma quantidade expressiva de histórias e devem ser extraídas informações que possuam sentido original e o sentido figurado, incluindo as características técnicas e a experiência do autor com a fotografia. A partir dessas características, para não perder o contexto, a análise da imagem, pode ser feita de acordo com os objetivos de cada sistema de informação, há uma linguagem diferente, para fins diferentes (LANCASTER, 2004).

Souza e Souza (2013), em trabalho apresentado na ISKO Brasil, investigam procedimentos para a representação e recuperação de fotografias arquivadas em bancos de imagens, visando obter subsídios para reflexão e desenvolvimento de modelos para indexação de fotografia em arquivos digitais.

4.4 BANCO DE IMAGENS

Segundo Souza (2013) historicamente, o surgimento dos bancos de imagens está diretamente associado à criação das agências de fotografias no início do século XX, ao aumento da produção editorial e ao desenvolvimento do fotojornalismo.

Uma das primeiras agências de fotografia foi a Agência Dephot (*Deutcher Photodienst*) criada em 1928. As agências a princípio tinham por finalidade a produção de fotografias, devido à produção intensiva de imagens as agências tornaram-se mais que um espaço para pautas fotográficas, passou a comercializar as fotografias produzidas pelos autores para outros jornais e revistas. A publicação de fotografias nos jornais permitiu aproximar o leitor do fato jornalístico, mesmo que essa fotografia seja uma representação do fotógrafo, seu olhar sobre o referente.

No contexto nacional, temos as agências criadas na década de 70 e 80 F4, AGIL, Angular, Fotograma, ZNZ e Imagens da Terra. Atualmente verificamos que as agências de fotojornalismo como O Globo, Folha de São Paulo, O dia, possuem também seus bancos de armazenamento de fotografias, com o objetivo de disponibilizar a imagem para seus usuários.

Os bancos de imagem exercem um papel fundamental para a preservação da memória, se possuir políticas de indexação e um gerenciamento sobre elas, as fotografias podem ser utilizadas para pesquisa e fins informacionais. A maioria dos bancos de imagens reúnem fotografias que apresentam imagens diversificadas, costumes, cultura, manifestações culturais, editorial, ensaios etc.

De acordo com Fujita (2012) a indexação necessita mais do que a definição do processo de indexar e sua natureza, necessita do entendimento do contexto de gestão do sistema de recuperação da informação composto por todos os requisitos – pessoas, comunidade usuária, domínios de assuntos, infraestrutura física e material e funcionamento como sistema de informação – para a definição de princípios, métodos e orientações quanto às características da indexação e efeitos na recuperação. A política de indexação pode ser entendida como um conjunto de procedimentos a serem seguidos numa unidade de informação, cujo objetivo é garantir o gerenciamento dos documentos e ações nas práticas de indexação.

4.5 INDEXAÇÃO DE IMAGENS

A indexação de imagens tem por finalidade realizar representações do que é exibido na imagem de maneira pontual, com o objetivo de dar acesso aos conteúdos imagéticos e atender as necessidades dos usuários. O processo de indexação envolve duas etapas: a primeira, definida como análise de assunto, pode ser entendida como análise conceitual, envolve a identificação dos conceitos que representam o conteúdo do documento.

A segunda etapa é a tradução, que consiste na representação simbólica do conceito, por meio de termos de indexação (descritores), tais etapas geram representações do conteúdo temático dos documentos (LANCASTER, 2004). Shatford (1986) trata a indexação de imagens como uma atividade a ser feita de modo individual ou em grupo, de acordo com suas características objetivando o acesso a essa informação.

Enfrentamos cada vez mais as mudanças ocorridas devido a uma sociedade que produz uma crescente quantidade de informação, uma sociedade que apesar da produção intensiva, encontra dificuldades para acessar o conteúdo disponibilizado. Ao longo dos anos o crescimento da produção de imagens resultou no surgimento de banco de dados para armazenagem de informações na internet. Por isso ocorre uma preocupação, nas áreas da Ciência da Informação em organizar esses arquivos de maneira que possa assegurar as condições adequadas de organização, armazenamento e recuperação de informações. Para Manini (2007, [p. 1]):

A indexação de documentos fotográficos deve considerar alguns conceitos e utilizar determinadas regras que resultem num exercício adequado de tratamento do conteúdo informacional e que representem, ao mesmo tempo, uma segurança quanto à recuperação destas informações por parte dos usuários de um acervo fotográfico.

Toda instituição que trabalha com organização de informações imagéticas, deve estudar a necessidade dos usuários, para poder implantar um sistema que possa disponibilizar essas imagens de maneira precisa e eficiente. Com o volume excessivo da produção de informação, nos deparamos com a dificuldade dos usuários em não saber usar as ferramentas necessárias que possam vir a auxiliá-los no momento da busca pela informação desejada ou muitas vezes a pesquisa resulta em dados irrelevantes.

Rouillé (2009) ressalta que as fotografias têm funções de arquivar, ordenar, ilustrar. Com o advento da fotografia de imprensa, a fotografia ressurgiu como mais

uma fonte na área de informação, assim como sua imagem propriamente retratada e outra referente a tipologia devido essa ascensão a imprensa proporcionou aos indivíduos o maior acesso as informações, os leitores passaram a ter um texto escrito acompanhado de uma imagem.

Rodrigues (2007) diz que a imagem fotográfica para ser utilizada, deve ser organizada, o que implica análise tematização de seu conteúdo, indexação, armazenamento e recuperação. Lancaster (2004) aborda a indexação, quanto aos critérios de qualidade da indexação como: a exaustividade e a especificidade. Uma indexação exaustiva procura retirar o maior número de termos do documento, de modo que os elementos contidos na imagem sejam traduzidos para a linguagem documentária.

A indexação específica, da preferência para o tema específico representado na imagem. Esse tipo de indexação contribui para a precisão de itens a ser recuperados. A indexação da imagem, deve ser feita de acordo com o que é visto no documento, terá que proceder de acordo com o seu tipo e a política de indexação da unidade de informação. Que deve ser determinada, em função do perfil dos usuários e os objetivos de cada sistema de informação da própria unidade.

Erwin Panofsky teve um impacto importante sobre o desenvolvimento teórico na indexação de imagens. Panofsky (1989) utiliza a análise de obras de arte, diferenciando três níveis de significado, pré-iconográfico, iconográfico e iconológico.

- nível pré-iconográfico: nele são descritos, genericamente, os objetos e ações representados pela imagem;
- nível iconográfico: estabelece o assunto secundário ou convencional ilustrado pela imagem. Trata-se, em suma, da determinação do significado mítico, abstrato ou simbólico da imagem, sintetizado a partir de seus elementos componentes, detectados pela análise pré-iconográfica;
- nível iconológico: propõe uma interpretação do significado intrínseco do conteúdo da imagem. A análise iconológica constrói-se a partir das anteriores, mas recebe fortes influências do conhecimento do analista sobre o ambiente cultural, artístico e social no qual a imagem foi gerada.

A indexação do documento imagético demanda uma quantidade maior de informações e detalhes específicos, a partir de uma série de operações. Shatford (1986) apresenta o método para representação de imagens, composto pelas categorias: DE Genérico, DE Específico e SOBRE, e pelas proposições: Quem, O que, Onde, Como e Quando. Segundo Smit (1996), os conteúdos das categorias podem ser entendidos da seguinte maneira:

QUADRO 1- CARACTERIZAÇÃO DAS CATEGORIAS DE SHATFORD

Categorias	Representação do conteúdo da imagem
Quem	Identificação do “objeto focado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
Onde	Localização da imagem no “espaço”; espaço geográfico ou espaço da imagem (ex.: São Paulo ou interior de danceteria)
Quando	Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem (ex.:1996, noite, verão).
Como/ O que	Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto focado”, quando este é um ser vivo (ex.: cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII).

Fonte: Smit (1996, p. 32).

Essas categorias são adequadas para a identificação da informação contida na imagem, podem ser utilizadas como base principal para descrever os assuntos das fotografias. O método que Shatford (1986) apresenta é o mais apropriado para direcionar o fotógrafo que possui dificuldade de descrever suas fotografias, pois é um modelo de simples entendimento. Smit (1996) faz um quadro comparativo com as categorias de Shatford (1986) e Panofsky (1989):

QUADRO 2 – QUADRO COMPARATIVO DAS CATEGORIAS DE SHATFORD E PANOFSKY

PANOFSKY	Exemplo	SHATFORD	Exemplo
Nível pré-iconográfico	Homem levanta o chapéu	DE genérico	Ponte
Nível	Sr. Andrade levanta	DE específico	Ponte das bandeiras

iconográfico	o chapéu		
Níveis pré- iconográfico + Iconográfico= nível iconológico	Ato de cortesia, demonstração de Educação	SOBRE	Transporte urbano, São Paulo, Rio Tietê, arquitetura, urbanização, etc.

Fonte: Smit (1996, p. 32).

Cada agência de fotografia possui um perfil e métodos de organização, que varia de acordo com o *software* usado para a indexação de imagens. Nesse processo as categorias de Panofsky (1989) e Shatford (1986) contribuem supostamente no momento de descrever a imagem e atribuir as palavras-chave. Os principais campos de preenchimento de metadados utilizados nos bancos de imagens e centros de documentação para caracterizar as fotografias são:

- ✓ Nome do arquivo;
- ✓ Título da imagem;
- ✓ O campo de descrição da imagem;
- ✓ Autor;
- ✓ *Copyright*;
- ✓ Campo de palavra-chave.

Essas informações não necessariamente estão iguais no processo de indexação das agências e seus bancos de imagens. Podem ser alteradas e predefinidas de acordo com seus respectivos objetivos. Cada fotógrafo utiliza o *software* que possui mais afinidade e que venha atender as suas necessidades, adequado para o tratamento e identificação das fotografias. A imagem fotográfica tem sua significação, mediante o que é apropriado por alguém, pode ter diversas interpretações além do que é mostrado. Uma imagem possui uma quantidade expressiva de histórias incluindo as características técnicas e a experiência do autor com a fotografia.

Existe um momento de identificar nos documentos os signos, conceitos que serão extraídos da imagem. A indexação de imagens por conceito é a mais apropriada, pois destaca a importância do processo descritivo na imagem, com isso podemos

assegurar que o assunto, ou o conceito visível na imagem, é definido pelos elementos figurados contidos na imagem. De acordo com Miranda (2007) em uma imagem podemos encontrar qualquer tipo de objeto que possua uma relação semântica com outro objeto, estes podem fazer referência a conceitos abstratos como riqueza, poder, dominação, etc.

Nos bancos de imagens os fotógrafos desenvolvem suas legendas a partir das histórias que registram em suas pautas fotográficas, existe uma variedade de descritores que são anexados as imagens, isso depende muito do fotógrafo. Muitos deles colocam em suas legendas histórias que não são demonstradas na imagem, associam uma saída fotográfica a uma imagem apenas, como pode ser observado na figura 1.

FIGURA 1– DESCRIÇÃO FEITA POR FOTOGRAFOS DA AGÊNCIA IMAGENS DO POVO

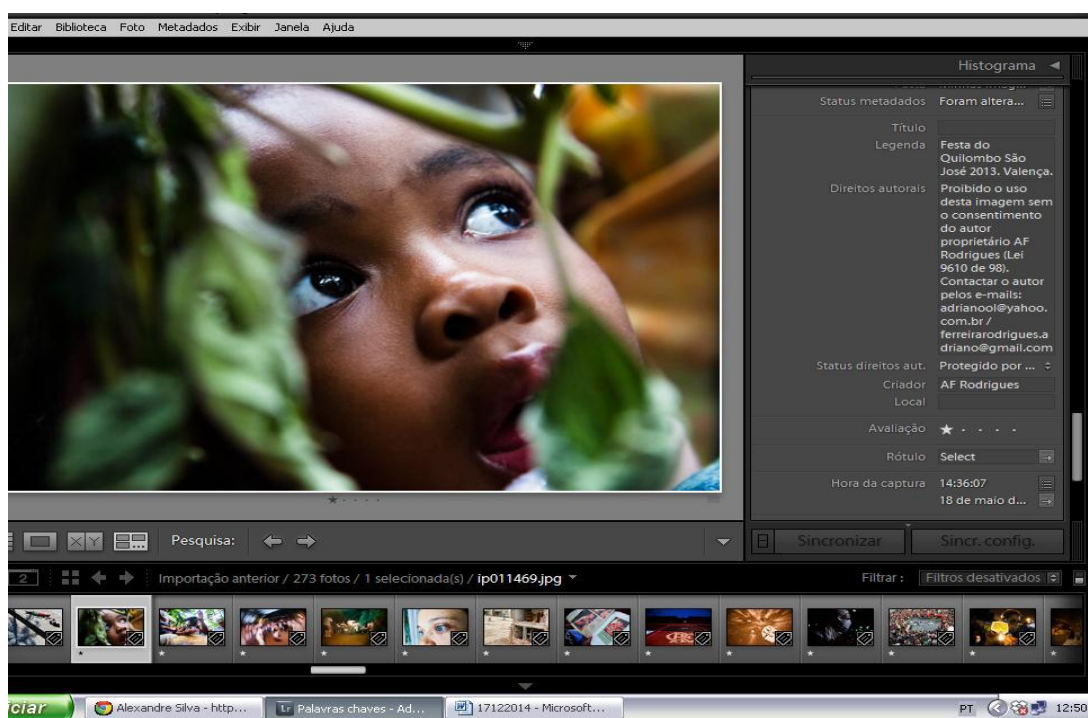


Fonte: Banco de Imagens da Agência Imagens do Povo (2014).

Encontramos no campo da legenda feita pelo autor a descrição sobre um evento realizado no Complexo do Alemão chamado "o lago é nosso". E a imagem que vemos e que deveria estar descrita é de duas meninas e um cachorro, em que uma segura duas

sacolas e a outra esta encostada em um poste. Isso exemplifica um dos maiores erros ao descrever uma fotografia. Outro exemplo para ilustrar é essa imagem de um menino negro, onde a legenda é: “festa do quilombo São José. 2013, Valença”.

FIGURA 2 - DESCRIÇÃO FEITA POR FOTOGRAFOS DA AGÊNCIA IMAGENS DO POVO

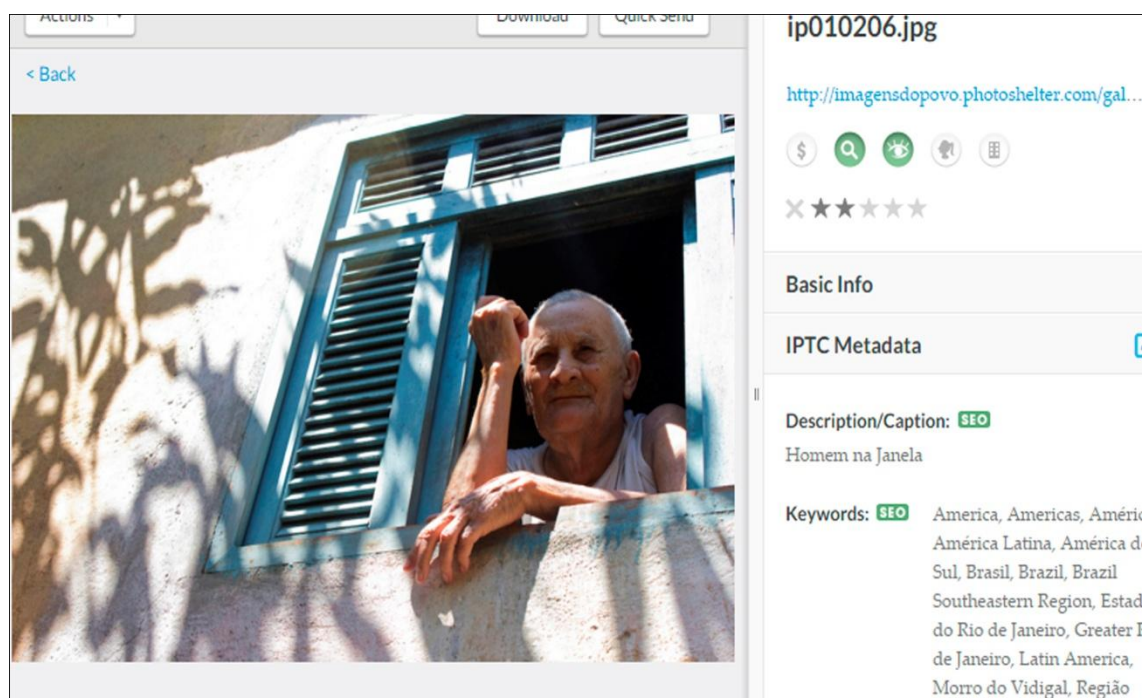


Fonte: Banco de Imagens da Agência Imagens do Povo (2014).

Muitos possuem esse bloqueio de interpretar e escrever sobre o que realmente está sendo visualizado na imagem e então associa a legenda à saída fotográfica. Para os indexadores esse tipo de descrição pode ser desconsiderado. O que vemos na fotografia não é uma “festa do quilombo” e sim um menino negro, onde a legenda poderia ser: “olhar de um menino negro, que participava da festa do quilombo em Valença, no ano de 2013”.

São recebidos nos bancos de imagens diversas fotografias com inúmeros tipos de legendas. Existem as legendas simples que podem ser comparadas com o nível pré-iconográfico de Panosfky. A legenda com as informações básicas, nível iconográfico e a legenda extensa que pode estar associada ao nível iconológico, são exemplificadas nas imagens a seguir:

FIGURA 3 – IMAGEM COMPARATIVA AOS NÍVEIS DE PANOFSKY

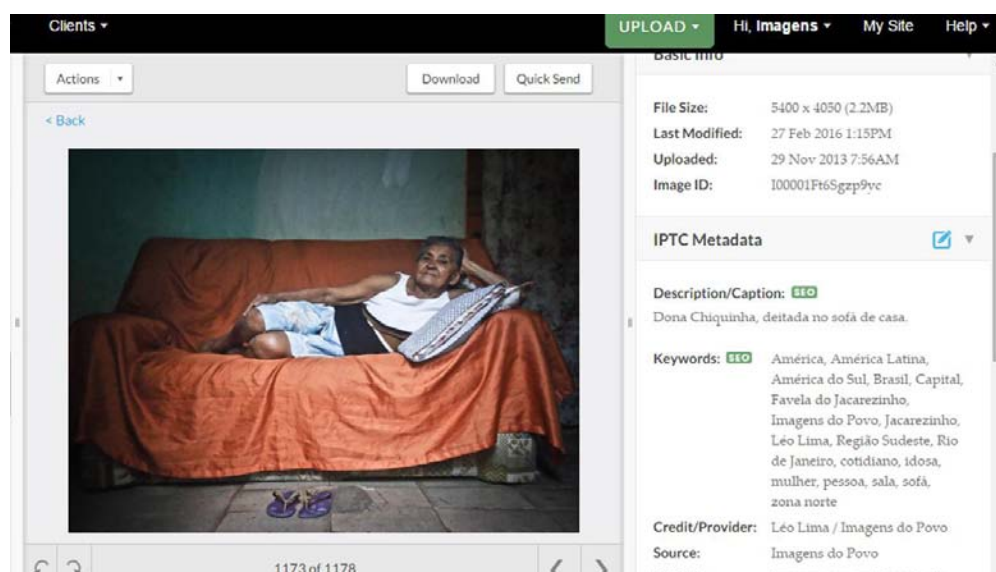


Fonte: Banco de Imagens da Agência Imagens do Povo (2014).

Na figura 3, identificamos o nível pré-iconográfico de Panofsky, o campo da legenda possui uma descrição objetiva da imagem. Descrição: “homem na janela”.

Na figura 4, observa-se o nível iconográfico. Possui informações com maior definição do que é visto na imagem. Descrição: “Dona Chiquinha deitada no sofá de casa”.

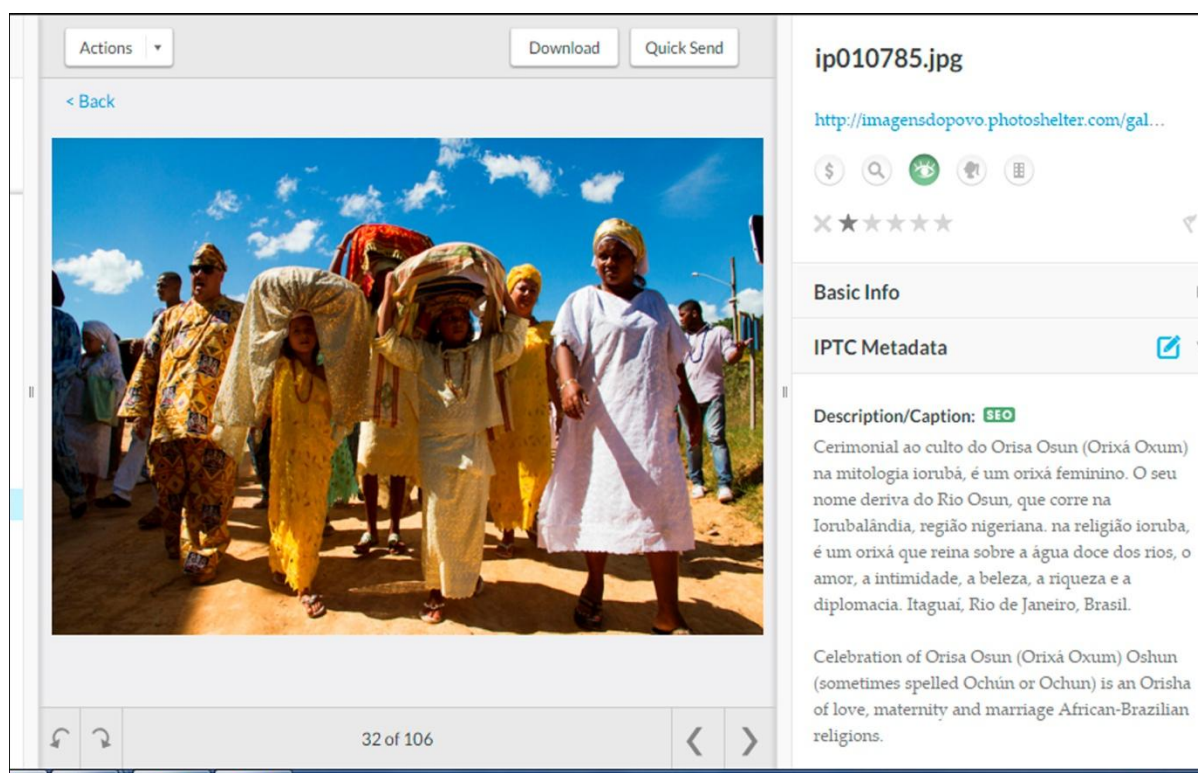
FIGURA 4 - IMAGEM COMPARATIVA AOS NÍVEIS DE PANOFSKY



Fonte: Banco de Imagens da Agência Imagens do Povo (2014).

Na figura 5, observamos o nível iconológico, onde a legenda é feita de acordo com a história ocorrida no momento da foto. Podemos considerar que esse nível é o mais completo para se retirar as informações e representar a imagem. Descrição: “cerimonial ao culto do Orisa Osun (Orixá Oxum) na mitologia iorubá, é um orixá feminino. O seu nome deriva do Rio Osun, que corre na Iorubalândia, região nigeriana. na religião iorubá, é um orixá que reina sobre a água doce dos rios, o amor, a intimidade, a beleza, a riqueza e a diplomacia. Itaguaí, Rio de Janeiro, Brasil”.

FIGURA 5 - IMAGEM COMPARATIVA AOS NÍVEIS DE PANOFSKY



Fonte: Banco de Imagens da Agência Imagens do Povo (2014).

É preciso utilizar uma das técnicas para descrever as fotografias e padronizá-las de modo que fiquem organizadas facilitando a recuperação destas para seus usuários e produtores. Com o advento da câmera digital cada vez mais verificamos a produção intensiva de fotografias, essas imagens são descarregadas no computador sem as informações básicas. É necessário manter uma organização dessa produção, a orientação e divulgação desses mecanismos que facilitem a busca e a organização devem ser incorporados nas disciplinas de fotografia para que possam ser vistos e inseridos na rotina dos fotógrafos não apenas para o envio em banco de imagens, mas também para seu próprio acervo.

5 METODOLOGIA

Para a execução do trabalho, foi realizada uma pesquisa de caráter exploratório, que segundo Gil (1999, p.43) “[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”.

A pesquisa é de cunho qualitativo embora aborde elementos quantitativos visto que os dois tipos de dados se complementam na pesquisa para atingir as informações necessárias aos objetivos. De acordo com Gil (1999) a pesquisa permite aprofundar-se mais nas questões consideradas como um problema a fim de identificá-las e resolver a partir das avaliações e métodos escolhidos. “Pode-se definir pesquisa como um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos” (GIL, 1999, p.43).

O instrumento mais adequado como técnica de coleta de dados para esta pesquisa foi o uso das entrevistas. As entrevistas possibilitam um maior conhecimento sobre o tema e aproximação com o público escolhido para a pesquisa. Para Gil (1999, p.116):

Pode se definir entrevista como a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formulam perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam á investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra apresenta como fonte de informação.

Foram elaboradas seis perguntas sobre indexação de imagem, organização do acervo e questões que estimulassem aos respondentes a pensar, a questionar sobre o processo de organização das fotografias. Foi com base nas respostas dos fotógrafos que surgiram proposições de adequação e melhoria da indexação.

Inicialmente cogitou-se explorar as entrevistas de 20 respondentes, dentro desse universo foram obtidas 16 entrevistas. Para análise das descrições feitas pelos fotógrafos foram selecionadas e analisadas imagens que pertenciam ao banco de imagem da agência “Imagens do Povo”, que atualmente contém aproximadamente 6.000 fotografias disponibilizadas para pesquisa e venda.

As imagens escolhidas para ilustrar essa pesquisa, são as do *software* usado para fazer o processo de indexação da fotografia na agência “Imagens do Povo”. São

evidenciados os campos de descrição da imagem, título, palavra-chave, descriminação do autor a fotografia tratada e a estrutura do tesouro.

Foi estabelecida a quantidade total de 10 imagens para serem examinadas. As fotografias são estudadas como um objeto de análise para identificar os problemas frequentes ocasionados no momento da inserção das informações nos campos de descrição e como é que o conteúdo informacional chega às mãos do indexador bibliotecário. O universo da pesquisa incluiu os fotógrafos da agência “Imagens do Povo” e de outras agências de fotografia, conforme o quadro 3:

QUADRO 3 - UNIVERSO DE PESQUISA DOS FOTÓGRAFOS DAS AGÊNCIAS

Fotógrafos entrevistados	Instituição
Fotógrafo 1	ONG Fase
Fotógrafo 2	<i>Freelancer</i>
Fotógrafo 3	Arissas Multimídia
Fotógrafo 4	Imagens do Povo
Fotógrafo 5	<i>Freelancer</i>
Fotógrafo 6	Imagens do Povo
Fotógrafo 7	O globo
Fotógrafo 8	Imagens do Povo
Fotógrafo 9	ONG Redes da Maré
Fotógrafo 10	Coletivo Pandila
Fotógrafo 11	<i>Freelancer</i>
Fotógrafo 12	Magistério em Fotografia
Fotógrafo 13	Agência Argosfoto
Fotógrafo 14	Banco de imagens online brazilphotos.com
Fotógrafo 15	Agência Brasil (Empresa Brasil de Comunicação).
Fotógrafo 16	Imagens do Povo

Fonte: Dados da pesquisa.

Observou-se, o processo de inserção de dados nas fotografias com o objetivo de identificar e avaliar a forma de indexação que cada um faz mediante ao seu acervo e posteriormente a entrega desse material para os bancos de imagens.

A partir de conversas com indexadores das agências “Argosfoto” e “O Globo”, foram obtidos dados referentes ao processo de entrega das imagens, como elas chegam para o tratamento, e quais as metodologias utilizadas para a organização do acervo. Foi com o intuito de fazer um comparativo das agências que identificamos o tratamento similar das fotografias e os seus respectivos problemas com a indexação e organização.

De acordo com técnicas escolhidas e analisadas neste trabalho, essa pesquisa é de cunho documental. Gil (1999, p. 66), afirma que “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”.

Foram definidas três categorias de análise das entrevistas: indexação e organização de imagens, preservação e acesso e recuperação da informação. Baseado nessas categorias foi possível sistematizar as respostas e identificar individualmente os problemas dos fotógrafos quanto à organização do seu próprio acervo e do processo de inserção das informações nas fotografias.

6 ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo serão apresentadas as análises feitas a partir dos dados obtidos nas na pesquisa. Com base nesses dados foi possível compreender os modelos de análise e indexação de imagens feita pelos fotógrafos independentes e das agências de fotografia. Foram pensadas três categorias para serem investigadas a partir das entrevistas. Nas categorias verificou-se a percepção que alguns fotógrafos têm sobre organização de acervo, indexação de imagens, preservação e acesso ao seu próprio acervo. O quadro a seguir mostra quantitativamente os objetos de análise da pesquisa:

QUADRO 4 – DADOS CATEGORIZADOS NA PESQUISA

Quantidade de categorias	3
Fotógrafos entrevistados	16
Imagens analisadas	10

Fonte: Dados da pesquisa.

Foram definidas 3 categorias de análise, para organizar melhor as ideias e dos entrevistados, conforme demonstra o quadro de numero 5:

QUADRO 5 - CATEGORIA DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Indexação e Organização de Imagens	Preservação	Acesso e Recuperação
------------------------------------	-------------	----------------------

Fonte: Dados da pesquisa.

Através das categorias foi possível observar uma variedade de opiniões sobre a relação do fotógrafo com o processo de organização das imagens. Devido à multiplicidade de arquivos fotográficos produzidos a todo instante pelos fotógrafos, a maioria dos acervos de imagens encontram-se amontoados e desorganizados, tanto em instituições documentais quanto nos acervos pessoais dos fotógrafos. Os fatores que mais impedem os produtores de identificar suas imagens são:

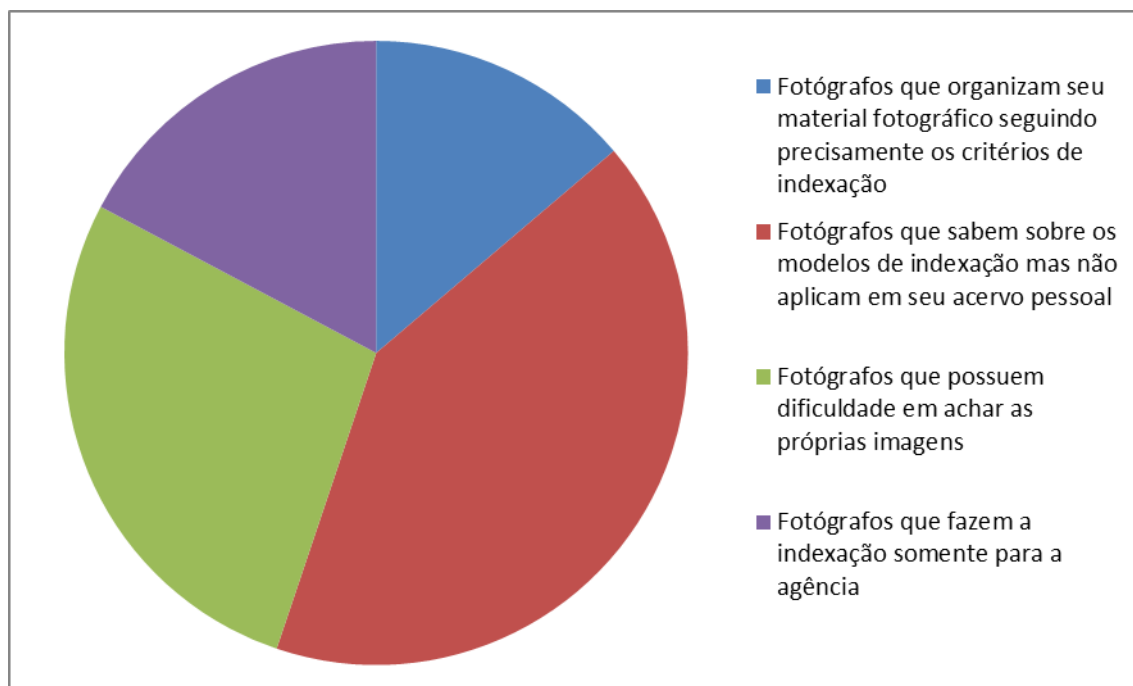
- ✓ Falta de tempo;
- ✓ Não saber organizar;
- ✓ Ter dificuldade na indexação;
- ✓ Desconhece o processo de indexação.

Os fotógrafos apresentam em suas respostas um padrão básico para a organização do seu material fotográfico. Estabelecem critérios de organização em pastas definidos como:

- ✓ Título / nome da saída fotográfica;
- ✓ Data;
- ✓ Mês;
- ✓ Ano;
- ✓ Nome do autor.

Poucos fotógrafos, assim como os bancos de imagens, acrescentam os descritores corretos sobre a imagem, tornando a busca pelo material fotográfico exaustivo. No gráfico 1 podemos verificar três diferentes perfis de fotógrafos que identificamos com as entrevistas, dentre eles estão:

GRÁFICO 1 – PERFIS DE FOTÓGRAFOS



Fonte: Dados da pesquisa.

Verificou-se que muitos fotógrafos sabem que é importante organizar as fotografias, porem poucos reconhecem que a indexação é um procedimento que contribui para a recuperação delas, e que consequentemente é um modo de preservação da memória de um lugar ou dado histórico. Assim como uma mínima parte dos

entrevistados organizam suas imagens a fim de resgatá-las futuramente. Esse fator reflete não somente nos acervos pessoais, mas na história de uma sociedade.

Os fotógrafos contribuem para o processo de indexação com as suas experiências vividas nas saídas fotográficas², só eles podem ter a informação original da fotografia, só eles possuem a história do registro realizado no momento.

Os bibliotecários possuem a informação técnica sobre a organização de acervos, aliando-se as histórias encontradas e indexadas as imagens, esse conteúdo informacional agrupado a imagem, contribuirá para a complementação dos descritores na fotografia, facilitando no processo de edição, armazenamento e pesquisa das imagens nos bancos de fotografia. No quadro abaixo são descritas as proposições Quem, O que, Onde, Como e Quando de Shatford (1986):

QUADRO 6 – CATEGORIAS DE SHATFORD APROPRIADAS PARA A DESCRIÇÃO DE FOTOGRAFIAS

Categorias	Representação do conteúdo da Imagem
Quem	Identificação do “objeto enfocado”: seres vivos, artefatos, construções, acidentes naturais, etc.
Onde	Localização da imagem no “espaço”: espaço geográfico ou espaço da imagem (ex.: São Paulo ou interior de danceteria).
Quando	Localização da imagem no “tempo”: tempo cronológico ou momento da imagem (ex.:1996, noite, verão).
Como/ O que	Descrição de “atitudes” ou “detalhes” relacionados ao “objeto enfocado”, quando este é um ser vivo (ex.: cavalo correndo, criança trajando roupa do século XVIII).

Fonte: Smit (1996, p. 32).

Então como se observa o quadro 6, as categorias mostradas são mais adequadas para os padrões de descrição da fotografia para um banco de imagens e para o acervo pessoal do fotógrafo.

² Saída fotográfica: incursão do fotógrafo num determinado campo, a fim de realizar os registros fotográficos.

Podemos observar com esta análise, como os fotógrafos possuem uma regularidade em desenvolver a legenda a partir de saídas fotográficas, e não descrevem o conteúdo aparente nas imagens.

A maior parte das informações resultantes da técnica fotográfica possui uma relevância para representar a fotografia, no entanto não encontramos disciplina por parte dos produtores em disponibilizá-las de maneira adequada, dessa forma buscaremos relacionar o modelo de Shatford (1986), sobre as proposições das categorias Quem, O que, Onde, Como e Quando, ao universo das imagens escolhidas para a análise.

O quadro a seguir é utilizado para identificar os autores das imagens e suas respectivas agências junto de algumas falas que estarão no corpo da pesquisa.

QUADRO 7 – FOTÓGRAFOS E AGÊNCIAS

Fotógrafo A	Imagens do Povo
Fotógrafo B	Imagens do Povo
Fotógrafo C	ONG Fase
Fotógrafo D	O Globo
Fotógrafo E	Imagens do Povo
Fotógrafo F	Imagens do Povo
Fotógrafo G	Banco de imagens online brazilphotos.com
Fotógrafo H	Agência Argosfoto
Fotógrafo I	Magistério em Fotografia

Fonte: Dados da pesquisa.

A imagens a seguir servem para exemplificar como os fotógrafos utilizam subjetivamente das categorias de Shatford ao representar suas imagens, e quais delas os fotógrafos priorizam com maior frequência.

FIGURA 6 – CATEGORIAS DE SHATFORD APLICADAS NAS FOTOGRAFIAS



Fonte: Banco de Imagens da Agência Imagens do Povo (2014).

Figura 6

Legenda feita pelo fotógrafo A: festa de 2014 para Iemanjá, Rainha do Mar, em Sepetiba, Rio de Janeiro, 09 de 2014.

Legenda segundo as proposições de Shatford:

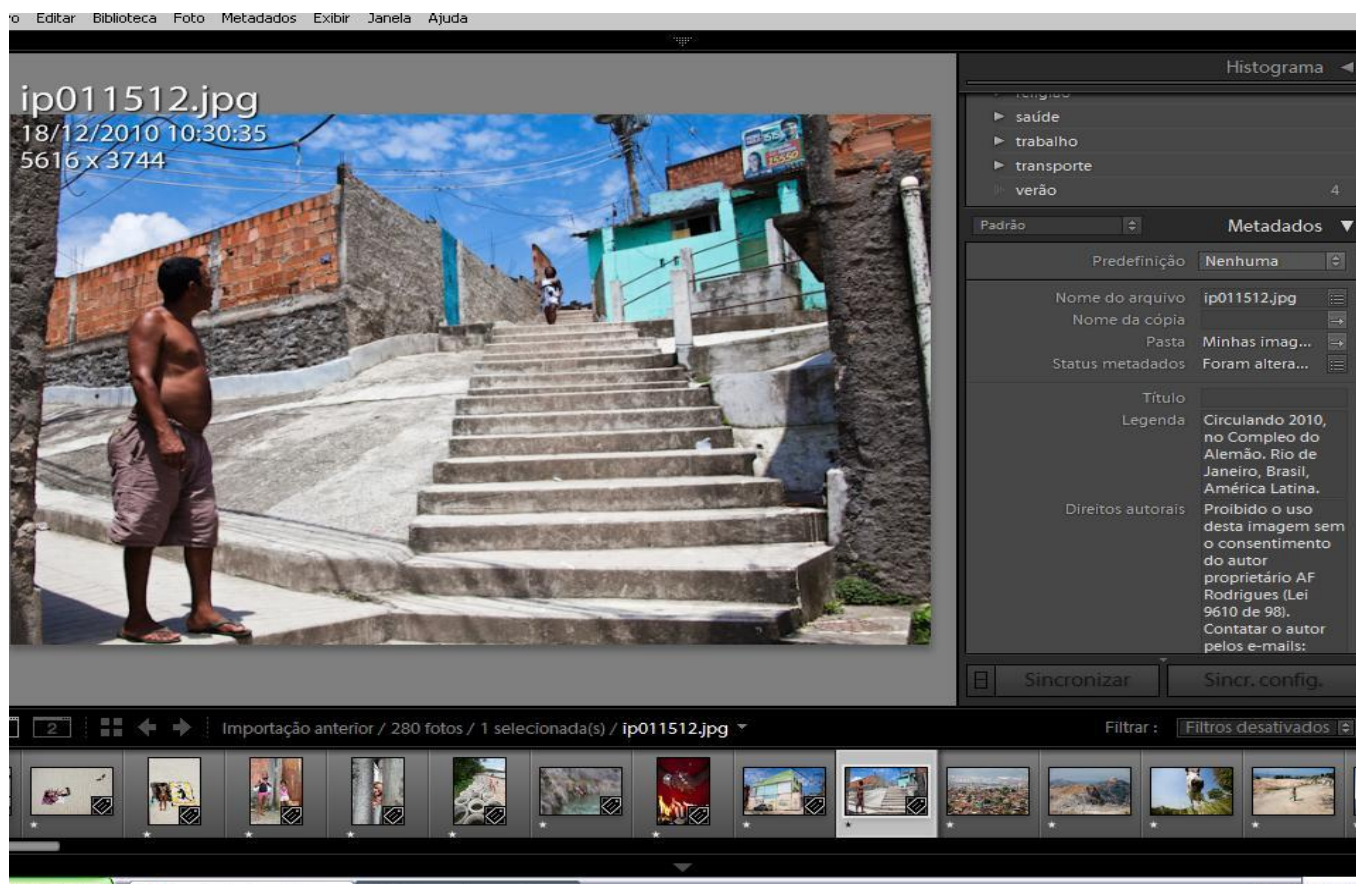
-Quem/ O que: Homen no Barco.

-Onde: Sepetiba, Rio de Janeiro.

-Quando: Dia da Festa de Iemanjá, 09/2014.

-Como: Festa de 2014 para Iemanjá, Rainha do Mar, em Sepetiba, Rio de Janeiro, 09 de 2014.

FIGURA 7 – CATEGORIAS DE SHATFORD APLICADAS NAS FOTOGRAFIAS



Fonte: Banco de Imagens da Agência Imagens do Povo (2014).

Figura 7

Legenda feita pelo fotógrafo A: circulando 2010 no Complexo do Alemão. Rio de Janeiro, Brasil, América Latina.

Legenda segundo as proposições de Shatford:

- Quem/ O que: Homem próximo a escada.
- Onde: Complexo do Alemão, Rio de Janeiro.
- Quando: anos de 2010.
- Como: Circulando 2010 no Complexo do Alemão. Rio de Janeiro, Brasil, América Latina.

FIGURA 8 – CATEGORIAS DE SHATFORD APLICADAS NAS FOTOGRAFIAS



Fonte: Banco de Imagens da Agência Imagens do Povo (2014).

Figura 8

Legenda feita pelo fotógrafo B: 18º parada do orgulho LGBT em Copacabana/ RJ

Legenda segundo as proposições de Shatford:

-Quem/ O que: Banhistas.

-Onde: Praia de Copacabana RJ.

-Quando: 2013.

-Como: 18º parada do orgulho LGBT em Copacabana/ RJ.

FIGURA 9 – CATEGORIAS DE SHATFORD APLICADAS NAS FOTOGRAFIAS



Fonte: Banco de Imagens da Agência Imagens do Povo (2014).

Figura 9

Legenda feita pelo fotógrafo A: vigília em memória as vítimas da chacina da Candelária. Julho de 2013.

Legenda segundo as proposições de Shatford:

- Quem/ O que: Cruz/Crucifixo.
- Onde: Igreja da Candelária, Centro do RJ.
- Quando: Ano de 2013.
- Como: Vigília em memória as vítimas da chacinada Candelária. Julho de 2013.

FIGURA 10 – CATEGORIAS DE SHATFORD APLICADAS NAS FOTOGRAFIAS



Fonte: Banco de Imagens da Agência Imagens do Povo (2014).

Figura 10

Legenda feita pelo fotógrafo B: ato nacional na final da copa das confederações! Todos ao RJ! Copa pra quem?!30-06-2013.

Legenda segundo as proposições de Shatford:

-Quem/ O que: Manifestantes.

-Onde: Maracanã RJ.

-Quando: Ano de 2013.

-Como: Ato Nacional na final da copa das confederações! Todos ao RJ! Copa pra quem?!30-06-2013.

Dentro desse conjunto de categorias escolhidas, podemos identificar que os fotógrafos A e B priorizam apenas algumas, nesse caso: Quem, Onde e Quando, estão preenchidas de modo correto e pertinente ao objeto analisado. Encontra-se uma inconsistência na categoria Como/O que, pois a descrição não está seguindo os detalhes

que estão explicitados na imagem. Como foi explicado acima, que essa descrição é feita pelos produtores com base nas saídas fotográficas, prejudicando a explicação do conteúdo imagético.

A categoria Como/O que é mais relevante para o entendimento da cena ou história que de uma fotografia além de ser uma categoria complementar as demais servem para se ter uma informação mais integra sobre o registro.

As categorias de Shatford (1986) empregados na análise de dados dialogam com os modelos de Panofsky (1989) proposto na literatura, os três níveis de significado, pré-iconográfico, iconográfico e iconológico, servem de apoio para a indexação das imagens. Apesar disso, para se fazer mais clara e menos complexa a indexação numa comunidade de fotógrafos leigos no assunto, as categorias Quem, Onde, Quando Como/O que, demonstram ser mais diretas, facilitando o entendimento do fotógrafo com a imagem a ser descrita.

A fotografia além de aumentar a capacidade que o indivíduo possui de olhar, é uma técnica que permite registrar o tempo em que se encontra, observar e representar cenas que estão presentes diariamente em nosso cotidiano, ela possui um discurso abarrotado de intenções, que em algum momento devem ser traduzidas.

O envolvimento do autor (fotógrafo) perante a cena escolhida para registro alia-se à técnica fotográfica e aos conhecimentos obtidos em sua formação viabiliza a comunicação com o indivíduo e resgata suas histórias construídas ao longo de um período que passou e que está por vir a partir de imagens.

Organizar esse material é um modo de revisitar, é ate para fazer um mapa às vezes de um novo local, de uma situação, de pessoas que há um ano eram de um jeito depois mudam, acha que organizar serve muito para mapear o que você está fotografando e a cidade, se conseguem visualizar seu registro histórico a partir de fotografias (informação verbal Fotógrafo C)³.

O fotógrafo é o personagem de principal importância para descrever uma fotografia, ele carrega toda bagagem e experiência vivida no momento do registro, só ele pode descrever detalhes da cena.

As minhas imagens eu até venho tentando organizar as últimas já venho trazendo ela do jornal com o IPTC preenchido e vou colocando no catálogo do *lightroom* do mesmo jeito, subindo junto com o IPTC. Então em teoria elas estão bem mais organizadas só que como eu não tenho um HD potente as fotos estão separadas em 6,7, 8 HDs, então se eu preciso da foto que foi tirada a algum tempo eu tenho dificuldade para achar (informação verbal Fotógrafo D)⁴.

³ Declaração disponível no caderno de campo da autora deste trabalho.

⁴ Declaração disponível no caderno de campo da autora deste trabalho.

Na verdade é um desafio achar um equilíbrio entre a legenda de conta naquela imagem, e às vezes a gente quer contar uma história, então como que se conta uma história e ao mesmo tempo se é sucinto? Então é uma dificuldade como descrever uma imagem, mas ao mesmo tempo se quer contar uma história, então é um desafio achar esse equilíbrio de entre a síntese e de você poder contar uma história, por que às vezes a gente não coloca informação que tem na imagem, mas que contem na história aí às vezes atrapalha (informação verbal Fotógrafo E)⁵.

Eu não sinto dificuldade de identificar as fotos, sinto falta de tempo e uma certa preguiça, pois você acaba priorizando o fazer, e esquece constantemente de armazenar. Eu acho crucial a organização de um acervo de fotos e eu sou o exemplo típico de “casa de ferreiro espeto de pau” o meu acervo é uma bagunça total (informação verbal Fotógrafo I)⁶.

O processo de indexação de imagens fotográficas, ainda é uma tarefa complexa para os fotógrafos devido a ausência de formação de políticas que alguns centros de documentação deveriam oferecer para seus próprios produtores. Ainda é um campo que necessita de estudos mais aprofundados e não é tratado como prioridade por algumas instituições. Devido a ausência do tratamento adequado as imagens, muitos arquivos fotográficos encontram-se indisponíveis para a pesquisa.

Foi observado que muitos deles sabem descrever suas imagens, mas não fazem o processo devido à falta de tempo. A demanda excessiva de pautas a serem realizadas, faz com que esse material seja armazenado sem os descritores.

Uma importância enorme. Com o grande volume de imagens produzidas hoje, graças aos equipamentos digitais de produção de imagens, muitas fotografias significativas poderiam ficar esquecidas ou mesmo perdidas no meio de tantos arquivos. Hoje não basta apenas fotografar, é preciso editar o material para que ele faça sentido e para isso é importantíssimo ter o acervo organizado (informação verbal Fotógrafo F)⁷.

Com a mudança do analógico para o digital, notou-se uma mudança considerável na rotina dos fotógrafos, e o modo como cada um passou a registrar os momentos. Os processos de registro fotográfico foram intensificados com essa mudança, o fazer fotográfico tornou-se, na maioria dos casos, um ato automático e inconstante de registrar. Sem limites para quantidade de imagens, os produtores aumentaram cada vez mais o número de *clicks* numa saída fotográfica. Isso reflete

⁵ Declaração disponível no caderno de campo da autora deste trabalho.

⁶ Declaração disponível no caderno de campo da autora deste trabalho.

⁷ Declaração disponível no caderno de campo da autora deste trabalho.

majoritariamente na produção excessiva de arquivos e documentos digitais, refletindo no acúmulo de fotografias não organizadas.

Algumas imagens são mais difíceis de descrever que outras. Penso que o importante é tentar se colocar na posição de um usuário que esteja procurando por uma imagem e ele não sabe exatamente o que quer, tem apenas os conceitos gerais – por quais palavras ele poderia encontrá-la? (informação verbal Fotógrafo G)⁸.

Cada vez produzimos mais e mais fotos. É comum o fotógrafo dizer que fez 10 mil fotos no carnaval ou durante um casamento! Se não houver organização e método, em pouco tempo tudo isto se transformará em lixo eletrônico (informação verbal Fotógrafo H)⁹.

Cada vez que pensamos na fotografia como instante, menos nos preocupamos com o arquivamento adequado e próprio para o seu tratamento, para que futuramente possa ter acesso. Contudo podemos identificar algumas dificuldades que surgiram por parte dos usuários em pesquisar os acervos e não encontrar a informação e os descritores da imagem por exemplo. Sem a existência de descritores nas fotografias, as condições de acesso se tornam impraticável.

Conseguimos identificar na fala de alguns entrevistados o entendimento que cada um possui sobre o ato de fotografar e organizar seu próprio acervo e que consequentemente essa prática reflete na preservação das imagens produzidas. No entanto, a realização dos procedimentos de indexação é prejudicada pela quantidade excessiva de pautas e matérias a serem produzidas. As demandas das agências de fotojornalismo e a série de acontecimentos surgindo a todo instante impedem que os procedimentos sejam ordenados e seguidos de forma apropriada.

É muito importante organizar o acervo de fotografia e na verdade a gente acaba falando de memória de um local, de um próprio país, de um povo (informação verbal Fotógrafo C)¹⁰.

Campos (2002, p. 9) “a informação digital, nas suas várias formas, constitui já uma significativa parte do nosso património cultural e intelectual, com importantes benefícios para os utilizadores”. Com isso sabemos que a fotografia tem a capacidade de resgatar lembranças, acontecimentos, seja ela de uma instituição, região, um dado momento histórico para que isso seja possível existe uma necessidade de se preservar

⁸ Declaração disponível no caderno de campo da autora deste trabalho.

⁹ Declaração disponível no caderno de campo da autora deste trabalho.

¹⁰ Declaração disponível no caderno de campo da autora deste trabalho.

todas essas informações registradas. A era digital sofre constantes alterações principalmente nos padrões e formatos.

Notamos uma grande diferença entre os acervos físicos dos digitais, na qual os físicos apresentam uma deterioração lenta, e com as novas tecnologias, é possível se restaurar a fotografia, já os digitais simplesmente são eliminados do suporte, muitas vezes sem chance de recuperação.

A preservação dos arquivos digitais não se faz apenas descarregando as fotografias e as salvaguardando em HDs externos. Para garantir a longevidade de um documento ele precisa seguir procedimentos de utilização no que diz respeito à edição, armazenamento e indexação, esses padrões dependem da responsabilidade do autor e das instituições. Portanto existe uma necessidade por manter o documento organizado garantindo o seu acesso e utilização.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transição do analógico para a fotografia digital permitiu uma mudança gradativa nos hábitos dos fotógrafos e nos bancos de imagens. O uso da câmera digital sem limites de registros resultou na produção excessiva de arquivos e consequentemente no acúmulo de materiais não organizados.

Os estudos de Panofsky, que trazem os níveis iconográfico/pré-iconográfico/iconológico podem ser compreendidos como princípios essenciais para analisar uma imagem, contudo no contexto da rotina de um fotógrafo os modelos de Shatford representam uma praticidade no entendimento ao descrever uma fotografia.

Nesse sentido, conseguimos notar que o padrão para a descrição das fotografias feitas pelos próprios produtores, subjetivamente segue um modelo que pode ser considerado básico para a recuperação e organização das fotografias.

Os modelos de Shatford: Quem, O que, Onde, Como e Quando são categorias que de certo modo já são usadas por pelos fotógrafos. Só precisam da orientação de como devem ser preenchidas, permitindo que o conteúdo da imagem seja representado precisamente, pois como analisamos existe uma preferência na utilização das categorias, esquecendo a categoria na qual se retira mais informações.

Deve se criar uma política de indexação nos bancos de imagens, orientar os fotógrafos desde sua formação para esse procedimento, e, sobretudo ressaltar a importância da indexação como um método que contribui não só para a organização dos acervos, mas para a sua preservação e acesso.

É necessário tratar a indexação como hábito, assim como é feita uma edição e o tratamento das fotos, a indexação também deve fazer parte desse ciclo. Essa rotina deve estar sempre acompanhando o fotógrafo, como uma atividade que cumpre um papel importantíssimo para a preservação e manutenção da memória. Nas instituições de ensino em fotografia a organização dos documentos fotográficos não é priorizada, é de longe um tema discutido nas salas de aula.

Quando não mantemos a organização automaticamente estamos prejudicando e escondendo a história de um lugar, de um país. As fotografias de grande importância, daqui a cinco anos, podem ser perdidas devido à ausência de políticas de indexação. Um mundo sem registros devidamente organizados é um mundo sem histórias para contar.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- CARTIER-BRESSON, Henry. **Henri Cartier-Bresson**. New York: Aperture, 1976. (The Aperture History of Photography, v. 1).
- DUBOIS, Phillippe. Entrevista com Phillippe Dubois. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 34, p. 139-156, jul./dez., 2004. Entrevista concedida à Marieta de Moraes Ferreira e Mônica Almeida Kornis. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2221/1360>>. Acesso em: 23 nov. 2014.
- FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. Apresentação. In: LEIVA, Isidoro Gil; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes. (Ed.). **Política de indexação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 13-16.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002.
- LANCASTER, F.W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.
- MANINI, Miriam Paula. A dimensão expressiva na indexação de documentos fotográficos. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DE IMAGENS, 1., 2007, Londrina. **Anais...** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2007. p. [1-13].
- PANOFSKY, Erwin. **O significado nas artes virtuais**. Barbacena: Editorial Presença, 1989.
- RAMOS, Menandro. Um breve ensaio sobre a fotografia e a leitura crítica do discurso fotográfico. 2007. Disponível em: <www.studium.iar.unicamp.br/23/menandro/index.html>. Acesso em: 16 dez. 2015.
- RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. **Análise e tematização da imagem fotográfica**. 3. ed. Brasília, DF: Gráfica. indd, 2007.
- ROUILLÉ, André. **A fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: SENAC, 2009.
- RUEDA, Valter. Enquadramento. 2008. Disponível em: <http://nasombrasdoneto.blogspot.com.br/2008/09/enquadramento-o-primeiro-passo-para-o_25.html>. Acesso em: 07 abr. 2015.
- SHATFORD, S. Analyzing the subject of a picture: a theoretical approach. **Cataloging and Classification Quarterly**, New York, v. 6, n. 3, p. 39-62, 1986.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p.28-36, jul./dez. 1996.

SONTAG, Susan. **Ensaaios sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004b.

SOUZA, Joice Cleide Cardoso Ennes de. Banco de imagens: abordagem teórica conceitual de representação de fotografias para uso na publicidade. 284 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2013.

SOUZA, Joice Cleide Cardoso Ennes de; SOUZA, Rosali Fernandez de. Representação de fotografias para publicidade em bancos de imagens: princípios para análise. In: DODEBEI, Vera; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. (Org). **Complexidade e organização do conhecimento: desafios de nosso século**. Rio de Janeiro: ISKO-Brasil, 2013, p. 103-108.

WOELFEL, André. Beleza e modernidade. Disponível em: <<http://andrerio5.blogspot.com.br/2013/09/beleza-e-modernidade.html>>. Acesso em: 07 abr. 2015.

APÊNDICE

Questões da entrevista:

- 1- Qual a importância de se organizar um acervo de fotografias?**
- 2- Como você organiza suas imagens?**
- 3- O que você entende quando falamos do termo indexação de imagens?**
- 4- Você realiza pesquisa em banco de Imagens? Quais as dificuldades encontradas?**
- 5- Sente dificuldade em descrever suas fotografias? Quais são essas dificuldade?**
- 6- Durante o processo de aprendizado em fotografia, na grade havia alguma disciplina onde ensinavam a organizar as fotografias? (se sim, como eram as aulas, o que mais enfatizavam?)**